

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

6-1-1992

1992 Vol. 50: Diálogo com a Religião Tradicional

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1992). 1992 Vol. 50: Diálogo com a Religião Tradicional. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/53>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

Diálogo com a Religião Tradicional

Na série sobre o diálogo, este é o terceiro 'ID'. Os anteriores foram: 'Diálogo com as religiões não-cristãs' e 'Diálogo com o mundo moderno'. O presente 'ID' assumirá algumas reflexões do Encontro de Chevilly sobre 'Primeira Evangelização', de Novembro passado, na medida em que elas vêm a propósito da Religião tradicional.

1 - Situação da Religião tradicional

Entre os 'Bassa' da Nigéria Central, ninguém realiza sozinho o que quer que seja. Se alguém adoece, os outros farão as suas plantações, a colheita e a venda dos produtos de seus campos, entregando-lhe os proventos.

Entre os 'Hamar' do sul da Etiópia, não existe o verbo 'possuir' nem o verbo 'ter'. Ver equivale a ter como seu. O que está à mão serve para todos.

Pode acontecer que alguns povos, seguindo quase 100% a religião tradicional, possuam em alto grau certos valores do Evangelho tendo, por outro lado, crenças e práticas contrárias ao mesmo: por exemplo, os gémeos podem ser abandonados até à morte devido à ideia de que eles são algo contra as leis da natureza. Noutros lugares, o diálogo com o Cristianismo levou o povo não só a aceitar os gémeos mas até a considerá-los como uma bênção.

"O que quer que se encontre de bom na mente e no coração dos homens, ou nos ritos e costumes dos povos, não somente é preservado da destruição como também purificado, ganhando consistência e perfeição..." (LG. 17 e Ad G. 09).

2 . O que é a Religião Tradicional

Enquanto que outras religiões tiveram fundadores e conhecem a respetiva data da fundação, a Religião tradicional contém a soma da busca e dos esforços religiosos de várias gerações de 'antepassados'. Representa, por isso, a procura fundamental do

género humano por Deus, a sua tensão para o Infinito apesar de, em concreto, tal esforço ser diversificado segundo os locais e as situações. Em certo lugar, os deuses podem ser vistos como os senhores do trovão, noutros como os senhores da fecundidade; mas estão sempre associados às necessidades locais e a sua lembrança é acentuada pelos acontecimentos da vida e da história do povo. Neste sentido, a Religião tradicional é anterior ao Cristianismo e às religiões provenientes de um fundador, os quais, mais tarde, vieram tomar coloração local, assumindo e transformando elementos de expressão religiosa tradicional. Olhando à Europa, por exemplo, é sabido como o Natal re-interpretou a celebração tradicional do Inverno em louvor do Sol.

3 . Sobrevivência da Religião tradicional

É certo que, em muitos lugares, a Religião tradicional está em crise por não dar resposta às necessidades do tempo moderno nem a questões atuais; acrescente-se que, segundo a nossa fé, Jesus é o único Salvador. Porém, em diversos lugares, a Religião tradicional mantém-se intata ou até se re---organiza. Em África, os aderentes da Religião tradicional ainda superam em número os católicos. Alguns povos, como os 'Sacalav' de Madagascar, mantêm-se impermeáveis à influência do Cristianismo e do progresso. Poderão, eventualmente, ter recebido influência de outras religiões mas só em poucos casos isso tem levado ao sincretismo; normalmente, isso acontece quando os sequazes já não vivem no ambiente natural e social próprios.

Em particular nas jovens Igrejas, a expressão da fé está em diálogo contínuo com a religiosidade tradicional subjacente. Isso permite que o conteúdo

da fé seja re-enquadrado na vida, interpretado e posto em relação com os acontecimentos do dia a dia.

"...favorecemos por todos os meios, o encontro fecundo entre o Evangelho de Cristo e as tradições culturais e religiosas locais"
RVE. 16,1.

Já se tem a experiência de que a religiosidade tradicional pode, por vezes, servir de meio de aproximação para o diálogo entre Cristianismo e outras religiões da mesma área, por exemplo o Islamismo, pelo fato de ela estar subjacente a ambos.

4 . Atitudes perante a religião tradicional

Após a conversão do povo, S. Agostinho de Inglaterra estava perplexo sobre o que fazer dos templos pagãos do país e dos sacrifícios que antes aí se realizavam. Obteve a seguinte resposta de S. Gregório Magno:

Destrói os ídolos mas asperge os templos com água benta; deixa o povo colocar tendas à volta dos templos, matar os animais e comer. Porque é impossível tirar de uma só vez todos os erros da cabeça de gente obstinada. No Antigo Testamento, Deus permitiu que se Lhe oferecessem sacrifícios que, antes e formalmente, eram oferecidos aos demónios.

Até recentemente, a **Prece Leonina pela Conversão da África** oferecia uma pintura dos seguidores da Religião tradicional como caindo diariamente no inferno. Era comum ver na Religião tradicional apenas os desvios e o trabalho do demónio. O estudo e contatos feitos modernamente com mais profundidade estão levando a mudar de atitude. Presentemente, a Religião tradicional está sendo classificada entre as grandes Religiões mundiais. Esta re-avaliação positiva tornou possível que, também neste caso, se pudesse falar de respeito e de diálogo com a Religião tradicional.

5 . Questões e perplexidade

A nova atitude arrastou consigo uma série de questões que levam a alguma perplexidade. Será que a Religião tradicional é mera 'preparação para a Palavra de Deus'? Terá sido meio de uma revelação dos 'antepassados', comparável à que receberam os Patriarcas do Antigo Testamento? Ou será ela um meio de salvação de pleno direito, de tal modo que

poderia colocar-se em paralelo com o Cristianismo, de forma que o diálogo significasse apenas a sua transformação? Resultam também perplexidades a nível da Pastoral; até onde pode ir a Igreja, ao dialogar com noções e práticas tradicionais, por exemplo, a propósito do matrimónio? Que atitude tomar perante os curandeiros e os feiticeiros? Na Missão, deve insistir-se na continuidade ou na rutura? Será que em relação a outras grandes religiões do mundo, o Hinduismo por exemplo, a atitude apropriada é o diálogo, enquanto que para a Religião tradicional a atitude a tomar seria a Missão no sentido estrito?

6 . Missão e Diálogo

"Há muitos que parecem estar dentro e encontram-se fora, e outros aparentemente fora mas que na realidade estão dentro". S. Agostinho de Hipona.

O diálogo pode ser entendido de dois modos: como um espírito e uma atitude geral, subjacente a toda a espécie de Missão cristã; e como uma atividade específica, passível de formas variadas.

Para a Missão, o espírito de respeito e de diálogo é fundamental. Deixa espaço para a identidade, modelos e valores do outro. Ele leva a evitar qualquer tentativa de forçar a conversão, seja de que modo for, por exemplo com ofertas e outras vantagens materiais, pela força da dominação cultural, etc.. A Missão exerce-se mais corretamente numa procura mútua da verdade e da resposta aos mistérios da vida, no respeito total da dignidade, da experiência religiosa da outra parte.

Os dialogantes estabelecem o diálogo na fidelidade à própria tradição e, de certo modo, também com abertura a um horizonte futuro de maior verdade. Mesmo quando dialoga, o cristão justifica e explica a "esperança que existe em si, apresentando-a no entanto com bondade e respeito", recomenda IPed, 3, 15-16. Ele não pode senão apresentar Cristo como a auto-manifestação normativa de Deus. Para o interlocutor, aceitar as interpelações da verdade, pode significar muito bem a conversão, em primeiro lugar, a uma vida de religião mais alta na linha da tradição própria e, talvez, em seguida, com a graça de Deus, aceitando Cristo de forma total e tornando-se membro da Igreja.

No sentido de atividade específica, o diálogo pode consistir numa ou mais destas quatro possibilidades: diálogo de vida, diálogo de atividades comuns, diálogo entre especialistas, diálogo de experiência religiosa. Aqui, o objetivo direto não é

necessariamente a conversão, embora esta não possa ser excluída de uma dinâmica do mútuo encontro. Um dos nossos confrades recebeu iniciação de 'mais velho' entre certos seguidores da Religião tradicional, podendo participar desse modo em decisões que tinham consequências para a vida e a cultura do povo. Pode ser que gestos semelhantes ajudem ao progresso religioso, dando luz ou fazendo avançar decisões e opções que, devido ao pequeno número de crentes, não se atingiriam ainda por uma pregação direta. Um outro missionário sujeitou-se à aprendizagem e iniciação própria de um 'Nganga', curandeiro, com conhecimentos dos quimbandas. Não estamos recomendando tais iniciativas; pretendemos somente fazer notar até onde pode levar, em determinadas circunstâncias, o desejo de dialogar.

Esforçamo-nos por estudar a língua e compreender os usos e costumes dos povos que nos recebem. Acolhemos com respeito a sua experiência humana no que tem de mais profundo" RVE. 16,2.

7 . Alguma temática da Religião tradicional

Aqui poderemos apenas referir-nos aos traços mais comuns e mais gerais.

A Religião tradicional interpreta a experiência religiosa dentro do contexto e ambiente próprios de cada sociedade. Os seus 'deuses' são normalmente definidos pelas necessidades e questionamentos locais. Em geral, não têm 'élan' missionário. Deus é entendido como Criador, ou então como uma força impessoal e numinosa; mas, de um modo geral, a atenção maior no campo religioso é dada a intermediários - os espíritos, os antepassados ou outros mediadores. O sentido do sagrado é forte; há lugares, tempos e pessoas sagradas tidos, de algum modo, como 'focos' de concentração da divindade. Em particular, o 'sacerdócio' ou, noutros casos, o 'chefe', vistos como mediação entre o divino e o humano, são considerados fundamentais para o bem estar geral e o equilíbrio natural. A religião, genericamente, abrange a totalidade da vida e permeia muitas vezes a cultura. Daí que a vida moral e a vida social recebam sanção religiosa e a religião sirva as causas da paz, da reconciliação e da solidez comunitária. A tal ponto que, às vezes, se obtém um sentido de solidariedade e de partilha tão forte como aquele que foi referido no início deste texto. O simbolismo e a ritualidade aproximam os campos do sagrado e do profano, permitindo uma visão unificada da realidade. A saúde geralmente é entendida de maneira holística, abrangendo todas as dimensões da pessoa no seu conjunto de relações - consigo, com os outros e com o mundo do invisível.

8 . O ponto de partida para o diálogo

O diálogo deve procurar-se como resposta a uma necessidade premente ou a uma preocupação candente da cultura, da religião, do esquema mental do povo. No Encontro de Chevilly referido acima, discutiu-se a questão no tema geral subordinado a esta pergunta: Boa Nova para quem? Por exemplo, para os 'Borana' da Etiópia, a Boa Nova será a experiência do perdão: perdão de Deus, uns dos outros, das tribos inimigas. Para os 'Alago' da Nigéria, Boa Nova anda à volta da esperança. Um de seus provérbios afirma: "Salva o pintinho do milhafre, antes que o deixes extraviar-se"; a esperança significa liberdade em relação aos feiticeiros. Para os 'Hamar' do sul da Etiópia, Boa Nova será uma harmonia total, com a criação e o ambiente, consigo próprio, no mundo das relações. Os 'Pokot' do Quênia têm uma tradição que afirma que "no princípio o homem amaldiçoou-se a si próprio"; uma mulher, atirando sujidade para as águas, exclamou:

*"quando morrer a lua, deixai-a voltar;
quando morrer o homem, deixai-o ir-se embora
para sempre".*

Desde então, nunca mais o homem encontrou explicação para a morte, a qual se tornou o 'poder final' - que nunca pode ser mencionado senão com eufemismos. Neste caso, o ponto de partida poderia ser um re-acordar do desejo de uma vida re-novada, a qual encontra a sua plenitude em Cristo.

9 . Diálogo e estilo de vida

O diálogo, por vezes, coloca um desafio ao interlocutor cristão, levando-o a adotar certas atitudes ou a assumir determinados valores. Um missionário deverá possuir aquelas qualidades e valores que são exigidos na cultura ou tradição aonde vai, ou que fazem parte do perfil de um 'homem de Deus', tal como é visto aí; caso contrário, o seu diálogo com a Religião tradicional pode ficar comprometido logo de início.

O interlocutor cristão deve igualmente estar aberto à conversão no sentido de que, às vezes, encontra entre o povo valores que são desafios para ele e que podem exprimir, de modo novo e concreto, aspetos próprios do Evangelho.

Conta um confrade: Certo dia, uma mulher pobre trouxe à Missão o seu filho doente; eu dei-lhe dinheiro para que o levasse à clínica a fim de ser tratado. Afirou o dinheiro fora, dizendo que não viera à Missão por causa dos remédios; viera pedir uma bênção para expulsar da criança o espírito maligno.

Na mundividência tradicional, a doença dificilmente será vista como algo apenas físico; inclui ao mesmo tempo uma certa referência ao espírito. Um interlocutor deve olhar a situação de uma maneira holística, dando atenção tanto ao espírito como ao corpo e aos problemas ligados a ambos.

10 . Breve reflexão teológica

Limitamo-nos aqui a indicar por alto o contexto teológico em que se baseia a nova atitude perante estas questões, já referidas. As linhas gerais de uma síntese final, ainda por fazer, são as seguintes:

a - O Espírito Santo atua:

O Espírito Santo lança 'sementes do Verbo' e conduz desde dentro as culturas e religiões humanas. Ele encontra-se no âmago dos questionamentos da pessoa humana, ocasionados não tanto por situações contingentes como sobretudo pela própria estrutura do ser humano (*Dominum et Vivificantem*, 54). Desse modo, por exemplo, toda a oração autêntica tem origem na ação do Espírito, presente de modo misterioso no coração de cada pessoa (*Red. Missio*, 29).

b - Possibilidade de salvação para todos

Até mais ou menos trinta anos atrás, supunha-se que, após a morte, os 'pagãos' de boa vontade e as crianças sem batismo iriam para o 'Limbo'. Veio depois o Vat. II, o qual re-lembrou que, "*Deus quer que todos os homens sejam salvos e alcancem o conhecimento da verdade*" (I Tim.2, 5). Esta afirmação levou à diminuição da motivação missionária, apanhando alguns missionários desprevenidos. Uma vez que Cristo morreu por todos os homens e mulheres, a graça é ativa não somente em favor dos cristãos como também no coração de todas as pessoas de boa vontade, levando-lhes a mesma renovação interior que aos cristãos. Cremos assim que, de um modo que só Deus conhece, o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de partilhar no mistério pascal de Cristo (*Gaudium et Spes*, 22). Concretamente, é praticando com sinceridade o que é bom na própria tradição religiosa e seguindo os ditames da própria consciência que os membros das outras religiões participam da única salvação em Cristo (*Diálogo e Proclamação*, 29).

c - Renovação e religião tradicional

A teologia atual entende a revelação não tanto como uma série de proposições doutrinárias mas antes

-como auto-comunicação de Deus, através da experiência e da história dos povos. Esta auto-revelação e auto-comunicação de Deus têm lugar nos postulados fundamentais da vida das pessoas e das sociedades humanas, nos questionamentos que resultam dos êxitos e dos fracassos dos homens, da sua esperança e amor, das suas alegrias e seus medos, do que ele adquire e do que ele perde. É nesta linha que Tertuliano fala da '**alma naturalmente cristã**', isto é, da alma humana enquanto cristã nos seus desejos mais profundos. Tal como qualquer instituição social referente ao homem, as religiões mediatizam ao mesmo tempo a atração do coração humano pelo divino e cumulativamente as respostas das primeiras gerações humanas a essa atração, o que afinal é o contexto de toda a procura religiosa pessoal.

11 . Abandonar a Missão? Porquê a Missão?

Porque então a Missão, se os seguidores da Religião tradicional podem receber a graça de Deus e ser salvos por Cristo fora do quadro da Igreja? Porque tentar chamar as pessoas para dentro da Igreja, tarefa que se costuma indicar como própria da comunidade cristã?

Há distância entre as 'sementes do Verbo' já presentes na Religião tradicional e a plenitude do mistério da salvação em Jesus Cristo (*Diálogo e Proclamação*, 70). É o mesmo Espírito, embora de modo diferente, que atua nas várias culturas e religiões, na Morte e Ressurreição de Cristo, pois que Ele "tomará do que é meu para vo-lo dar a conhecer" (Jo. 16, 14) e, por isso, a sua ação atrai para Jesus Cristo homens e mulheres, culturas e religiões. Assim, um diálogo autêntico implica o desejo de tornar Cristo aceite, mais amado e conhecido, estando portanto orientado para a proclamação. Por outro lado, a proclamação implica essencialmente o diálogo como atitude que se fundamenta no modo como o próprio Deus se relaciona conosco.

A comunidade cristã deve ser "*luz do mundo e sal da terra*" (Mat.5, 13). Cristo é a verdade do homem; a comunidade cristã, como imagem de Cristo, deve mostrar de forma concreta essa verdade do homem. Sem tal testemunho, o núcleo interno das religiões não-cristãs poderia murchar, mesmo que alguns dos seus valores, espelhando de algum modo os valores do Evangelho, tenham sido aproveitados.